

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS**

**LUCAS GABRIEL DE OLIVEIRA GONÇALVES**

**O VALOR DE UM LUGAR: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO  
DO AMBIENTE A PARTIR DOS FREQUENTADORES DO PARQUE  
MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE**

**BELO HORIZONTE**

**2017**

LUCAS GABRIEL DE OLIVEIRA GONÇALVES

**O VALOR DE UM LUGAR: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO  
DO AMBIENTE A PARTIR DOS FREQUENTADORES DO PARQUE  
MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Colegiado do curso de  
graduação em Ciências Socioambientais  
da Universidade Federal de Minas  
Gerais, como requisito parcial à obtenção  
do título de Bacharel em Ciências  
Socioambientais.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Cisalpino  
Pinheiro

Coorientador: Prof. Dr. Gilvan Ramalho  
Guedes

**BELO HORIZONTE**

**2017**

LUCAS GABRIEL DE OLIVEIRA GONÇALVES

**O VALOR DE UM LUGAR: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO  
DO AMBIENTE A PARTIR DOS FREQUENTADORES DO PARQUE  
MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Colegiado do curso de  
graduação em Ciências Socioambientais da  
Universidade Federal de Minas Gerais,  
como requisito parcial à obtenção do título  
de Bacharel em Ciências Socioambientais.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Tiago Cisalpino Pinheiro (orientador)

---

Prof. Dr. José Antônio Souza de Deus

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amigos, dos quais fizeram parte desse longo e árduo processo de formação, que ofereceram apoio, ajuda e me deram forças para continuar e concretizar este trabalho. Sem eles certamente não conseguiria completar esta extensa etapa acadêmica e de vida, são minha base.

Em especial agradeço aos meus amigos de infância Diego e Hugo, pelo companheirismo, pelas viagens, brincadeiras e distrações, e aos amigos de vida que tive a sorte de conhecer durante a faculdade, Lucas, Leonardo, Ilklyn, Vinícius e Hélio, bem como todos os outros, que por falta de espaço, não poderei mencionar.

Aos meus pais, que sempre me deram apoio, cada um a seu modo, pelo incentivo e cobrança necessária ao processo e finalização dessa etapa de vida.

Aos queridos que se foram em matéria, mas que permanecem comigo em espírito. Sei que estão orgulhosos de mim agora.

A quem passou por mim, e que ficou ou se foi, mas tive a oportunidade de agregar algo de positivo e vice-versa.

Ao curso de Ciências Socioambientais e à graduação em si, dos quais tive a oportunidade de desfrutar de experiências inesquecíveis, através das viagens e das pessoas dos mais variados lugares que conheci. Ao conhecimento que adquiri durante a minha formação acadêmica. Também ao privilégio de presenciar realidades e formas de pensar diferentes das minhas. Fui desconstruído, minha visão de mundo mudou, aprendi que somos processo, e que sempre precisamos buscar melhorar. Me tornei mais tolerante e compreensivo em relação as diferenças e hoje me sinto uma pessoa melhor.

Minha caminhada apenas começou, mas de antemão já agradeço a cada um que fez parte da construção do que eu sou.

*“sem a auto-compreensão não podemos esperar por soluções duradouras para os problemas ambientais que, fundamentalmente, são problemas humanos” (TUAN, 1980, p. 01).*

## RESUMO

Compreender as inter-relações estabelecidas entre o homem e o ambiente, bem como os valores, significados, necessidades e sentimentos de afeição ou aversão ao lugar, nos permite que tenhamos uma visão mais completa sobre o espaço e por consequência uma maior clareza e solucionar e promover ações que o melhorem. Os trabalhos de percepção ambiental atuam no sentido de buscar o entendimento do lugar a partir das impressões de quem o utiliza de alguma forma. O presente estudo buscou estabelecer uma relação entre a importância social, ambiental e cultural dos espaços verdes urbanos para a qualidade de vida das pessoas na cidade, bem como sua potencialidade em promover ações de conscientização e sensibilização em relação ao ambiente. Essa relação foi fundamentada com base nos estudos de percepção ambiental a partir da visão de quem os frequenta, já que não há ninguém melhor que os usuários do lugar para delimitar, ou guiar proposições de mudança e intervenção no espaço, no sentido de melhorar a qualidade ambiental urbana. Como estudo de caso foi escolhido uma das áreas verdes mais icônicas e importantes da capital de Minas Gerais, o Parque Municipal de Belo Horizonte, dada a sua importância ambiental, sua diversidade de públicos e o bem estar que proporciona aos visitantes.

**Palavras-chave:** Percepção ambiental; parques; meio ambiente; educação ambiental; espaços verdes.

## ABSTRACT

Understand the interrelationships established between man and the environment, as well as values, meanings, needs and feelings related to affection or aversion to a place, allow us to have a wide view of space and consequently a greater clarity in solve and promote actions that improve it. The studies of environmental perception act precisely in the sense of seeking the understanding of the place from the impressions of those who use it in some way. The present study sought to establish a relationship between the social, environmental and cultural importance of urban green spaces for the quality of life of people in the city, as well as its potential to promote awareness actions related to the environment. This relationship was based on the studies of environmental perception of the vision of those who attend them, since there is nobody better than the users of the place to delimit, or guide propositions of change and intervention in the space, to improve the environmental quality. As a case study, one of the most iconic and important green areas of the capital of Minas Gerais, the Municipal Park of Belo Horizonte was chosen, given its environmental importance, its diversity of public and the well-being that it provides to visitors.

**Key words:** Environmental perception; parks; environment; environmental education; green spaces.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>10</b>
<b>3. O ENTENDIMENTO DO ESPAÇO E O SURGIMENTO DA GEOGRAFIA COMO CIÊNCIA .....</b>	<b>11</b>
3.1 A Geografia Clássica .....	14
3.2 Uma nova forma de pensar Geografia.....	15
3.3 A Geografia Humanística .....	16
<b>4. A PERCEPÇÃO AMBIENTAL E OS SENTIMENTOS DE AFEIÇÃO OU AVERSÃO AO LUGAR .....</b>	<b>18</b>
4.1 A Percepção ambiental e a cidade .....	23
4.2 A contribuição dos espaços verdes urbanos para os estudos de Percepção ambiental.....	26
4.3 O Parque Municipal de Belo Horizonte como estudo de caso .....	28
<b>5. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS OBTIDOS .....</b>	<b>30</b>
5.1 O Parque a partir do olhar do pesquisador-frequentador.....	30
5.2 O Parque a partir do olhar do pesquisado.....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>55</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A percepção do ambiente e a observação do lugar sempre representaram um das principais fatores responsáveis pela sobrevivência humana e até hoje funcionam como uma ferramenta importante de detecção das questões ambientais de um lugar.

O fato é que ao longo do tempo o homem acabou se distanciando dos elementos naturais, e aos poucos perdendo esses sentimentos de ligação com o meio, a ponto de se sentir como elemento separado da natureza e meio ambiente. Os estudos de percepção ambiental, dos quais se empenham em analisar as impressões individuais das pessoas acerca do meio em que se inserem ou usufruem, dão subsídios ao entendimento desse distanciamento imaginário que aconteceu entre o homem e a natureza, ainda mais claro num contexto urbano. Mais que isso, oferecem elementos a desconstrução gradativa dessa visão.

É neste contexto que o estudo em questão se faz presente, já que se baseou nas concepções de percepção ambiental para analisar a importância dos espaços verdes da cidade, como os jardins, praças e parques, para a qualidade de vida urbana.

Este estudo considerou uma lógica escalar de entendimento da percepção ambiental, no sentido de buscarmos primeiramente entender a apresentação das bases teóricas gerais e a contextualização/definição ampla do assunto em questão até chegarmos temas mais particulares e específicos, como a escolha do parque como estudo de caso.

A base teórica procurou em primeira instância compreender o surgimento da ideia de percepção ambiental, antes mesmo da consolidação do termo, e a partir de então, elencar as diferenças entre duas formas de pensar geografia, a clássica e a humanística, da qual o termo se consolida. A partir de então o tema será explorado amplamente, tendo como base a definição de vários autores que fundamentaram seus estudos na percepção ambiental. Fundamentado nessa explicação, o assunto é aplicado nos ambientes escolhidos para a consolidação desse estudo, que são as cidades, bem como os espaços verdes que a compõem, para dessa forma chegarmos finalmente ao lugar de escolha do estudo de caso, o Parque Municipal de Belo Horizonte.

## 2. METODOLOGIA

Este estudo buscou adotar uma metodologia simples, porém eficaz, que consiste em três etapas principais:

A primeira fase se preocupou em entender as bases histórico-conceituais do tema escolhido em questão, a percepção ambiental. Para essa primeira etapa, que se dividiu em dois capítulos, buscou-se reunir textos e trabalhos de estudiosos ditos como referências no tema de percepção ambiental no mundo, houve uma preocupação em agregar literatura de referência mundial e nacional, portanto a lógica adotada aqui vai da análise de visões mais gerais relacionadas ao tema até um escala de estudo local.

A segunda etapa se caracterizou pela escolha do escopo. Visto que a literatura não possuía tanto material relacionado à percepção ambiental no Estado de Minas Gerais, houve a preocupação em determinar um local de estudo que estivesse mais próximo e fizesse parte do cotidiano de grande parte do possível público leitor. A escolha do Parque Municipal de Belo Horizonte se deu pelo fato do lugar abrigar grande diversidade ambiental e social, estar estrategicamente localizado no centro da capital e por permitir uma análise e uma relação mais proximal entre o pesquisador e o seu frequentador.

E a terceira e última etapa consistiu na análise da percepção ambiental dos usuários do Parque Municipal de Belo Horizonte *in loco*, através de duas partes principais: a primeira se deu **a partir da visão do parque como o espaço do pesquisador** e frequentador, ou seja, pela imersão pessoal e experimentação do lugar, do “ir para ver”, essa metodologia foi elaborada nos estudos por Souza (2009) e aproveitada neste trabalho também. Esta se caracterizou por uma visão particular do parque, apropriando-se do lugar de duas maneiras diferentes, mas que dialogam entre si. Portanto foram as impressões iniciais e visuais (fotografias) e anotações coletadas a respeito do parque no estudo, bem como o resgate de sentimentos de afeição, relacionados a nostalgia por exemplo. A segunda parte buscou **representar o parque a partir do olhar do pesquisado**, através da aplicação de 30 entrevistas semi-estruturadas e das conversas informais para com os frequentadores do parque. O questionário, que teve como base principal os estudos de percepção feitos por Fernandes (2004) e Souza (2009), buscou incluir elementos que trouxessem à tona assuntos relacionados a aspectos gerais da cidade, o nível de interesse dos usuários pelas

questões ambientais e a qualidade ambiental do parque em si, bem como sua contribuição para a melhoria da qualidade de vida dos usuários.

### **3. O ENTENDIMENTO DO ESPAÇO E O SURGIMENTO DA GEOGRAFIA COMO CIÊNCIA**

Seria insensato falarmos da compreensão do espaço pelo homem, sem que não saibamos, mesmo que de maneira breve como tal relação se estabeleceu, bem como sua relevância para o ser humano. É de suma importância que se entenda que a percepção ambiental, assim como o pensamento geográfico, assuntos chave que serão abordados no decorrer deste estudo, sempre existiram. Portanto esta porção inicial do estudo se encarregará de demonstrar a manifestação dessas questões ao longo de algumas fases importantes da história humana.

Desde o princípio dos tempos, entender e explorar o mundo sempre foram uma das maiores necessidades do ser humano:

A preocupação do homem em conhecer o meio no qual desenvolve sua vida, é antiga, seja impulsionada por fins de sobrevivência, econômicos ou políticos ou até mesmo por curiosidade. Essa ambição está associada, especialmente, à necessidade de sobrevivência que se faz presente ao longo da história da humanidade. (MORMUL, Najla e MENDES, Márcio. 2014, p.65)

Portanto é importante que se entenda que a percepção e análise das dinâmicas do chamado lugar, ou seja, o fruto do conjunto de interações dos elementos naturais, físicos e humanos inseridos no espaço, é algo inerente ao ser humano, se inicia desde que o homem desenvolveu a capacidade de raciocínio lógico. Dadas as devidas proporções, escalas e fins, é seguro afirmar que o conhecimento geográfico sempre se fez presente, como apresenta Amorim Filho (1999), quando diz que a atividade geográfica, sempre teve como base as percepções ambientais de seus praticantes.

Gostaria de apresentar uma observação a respeito do surgimento dos conceitos em geral, é importante ressaltar que a construção ou desenvolvimento de muitas das definições que serão abordadas aqui normalmente se manifestam muito antes de serem apresentadas, legitimadas ou datadas, a exemplo da percepção ambiental, assunto que será contemplado neste texto. Dessa maneira, o estudo também possui o objetivo e exercício de desmistificar a lógica do surgimento súbito das ideias ou correntes de

pensamento, bem como a “genialidade repentina” de alguns estudiosos. Tudo faz parte de um processo de construção, de incorporação de bases conceituais surgidas anteriormente, e que na maioria das vezes é lento e gradual.

Retomando o assunto sobre o pensamento geográfico e da percepção ambiental, vale a ressalva de que com o advento da fala e posteriormente da escrita, o ser humano começou a transmitir conhecimentos e legados adquiridos sobre o espaço de forma mais precisa.

Com o advento da escrita, foi possível atravessar a barreira do tempo e preservar informações sobre modos de vida de povos que viveram há milhares de anos ou informar sobre outros povos, que vivem em locais muito distantes dos centros de difusão das informações. (AMARAL, Suely. História da escrita: Surgimento e importância dessa linguagem. Em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/historia-da-escrita-surgimento-e-importancia-dessa-linguagem.htm>. Acesso em: 30 janeiro 2017)

Mais que isso, passou a questionar esses conhecimentos e o próprio espaço, buscando explicações para os fenômenos que nele ocorriam. Das mais variadas tentativas de explicação dos fenômenos e dinâmicas naturais incompreendidas, a atribuição dos acontecimentos às divindades sempre foi um dos hábitos mais recorrentes, conferir poder a um ser superior trazia uma sensação reconfortante, como explica Cambaúva (2000):

A sua forma de pensar é caracterizada pelo pensamento mítico, no qual a explicação, em forma de narrativa, da origem das coisas está fora do homem, está nos deuses ou nos astros. Não se dirige ao intelecto, mas ao imediato vivido, aos sentimentos, exigindo fé, confiança, adesão. (CAMBAÚVA, Lenita. 2000, p.82)

e também Cândido (2002):

Diversas culturas antigas apresentam divindades responsáveis pelas manifestações da natureza, o que se relaciona, de acordo com a antropologia cultural ou social, ao desejo do ser humano conhecer sua origem, identidade e ambiente, sendo também um elemento caracterizador dos grupos de acordo com as relações especiais que eles estabelecem com o meio. (CANDIDO, Daniel. 2002, p.42)

Por centenas e até milhares de anos, tais explicações permaneceram como hegemônicas, porém novas formas de interpretar o mundo gradualmente vieram a surgir. A necessidade da constatação e esclarecimento de processos naturais que se

desvencilhassem, ou ao menos não estivessem tão atrelados a explicação religiosa, por exemplo, era cada vez mais latente, a exigência ou prova real dos acontecimentos, sem atribuições a elementos inalcançáveis, por assim dizer. É claro que durante esse processo de construção da geografia, a religião sempre foi um elemento de grande importância e sempre esteve presente, visto que muitas das expedições, viagens e peregrinações feitas pelos viajantes, principalmente europeus, se davam e eram até financiadas em parte pela fé e ganância burguesas, além da necessidade de evangelização e conversão de outros povos a sua religião, costumes e sistemas econômicos. Mormul e Mendes (2014) entendem que esta fase “inicia-se com as grandes navegações, fase em que a burguesia mercante começa a buscar riquezas em outras terras fora da Europa.”

É considerável destacar também que a hegemonia do pensamento geográfico europeu aqui descrito é advinda em grande parte por sua forma de dominação (em todas as esferas) sobre outras culturas e povos, resultado um processo cultural, econômico e ideológico imposto.

Com o impulso dado com a criação e consolidação dos impérios coloniais e com as várias necessidades nascidas com a Revolução Industrial, já no final do século XVIII, o pensamento geográfico toma uma grande força, pois se precisava conhecer novos lugares para garantir recursos naturais e econômicos para o desenvolvimento dos países europeus. A Geografia apresenta-se com um aparato instrumental e ideológico neste processo tomando força e reservando seu lugar ao lado das demais ciências, referindo-se aqui a sua institucionalização. (CAVALCANTE, Eider. 2009, p.4)

Desse modo, incontáveis foram as contribuições dos viajantes, navegantes, naturalistas, ilustradores, cartógrafos e muitos outros entusiastas do mundo para que a geografia adquirisse a notoriedade que possui nos dias de hoje. É importante lembrar que não foi apenas um processo linear ou contínuo, muito do que se havia produzido sobre geografia, principalmente no período que antecede a Idade Média (antiguidade Greco-romana), foi perdido ou ignorado nos períodos da história que o precederam, além do mais, o “material” gerado sobre o conhecimento geográfico surgia em todo o mundo, de maneiras diferentes e em épocas distintas, e não apenas concentrado no continente Europeu, apesar de ser considerado o território chave para a cientificação de tal conhecimento geográfico.

O século XIX representou um período categórico para a história do pensamento geográfico, a Geografia nesse período atingiu status científico, ao mesmo tempo em que era reconhecida como disciplina obrigatória nos programas de ensino primário e secundário. Esse reconhecimento decorreu de uma série de acontecimentos sociais, econômicos e políticos desencadeados ao longo dos séculos XVII, XVIII, XIX. (MORMUL, Najla e MENDES, Márcio. 2014, p.71)

### 3.1 A Geografia Clássica

Portanto, a legitimação dos estudos geográficos, ou seja, quando a Geografia passou adquirir o *status* de ciência, e que teve como base estudos de naturalistas importantes como Humboldt, ocorreu, como destaca Melo (2009, p.2) por volta do século XIX, quando seus processos foram inseridos, de forma organizada e sistematizada nas universidades, primeiramente na Alemanha e em seguida na França. A partir desse marco os estudos geográficos só ganharam mais força ao longo dos anos, já que as instituições de ensino superior acabavam por elevar o status desse conhecimento, garantindo-o maior notoriedade e importância.

Foi somente no século XIX que a geografia passou a ser considerada como uma ciência autônoma, com todas as suas particularidades, se separando de outras disciplinas tais como a geologia, e economia e a astronomia que se achavam integrados com ela e, a partir desse momento também ganharam suas autonomias. A geografia passa então a se ocupar especificamente do espaço geográfico, ou seja, a superfície terrestre, que é o lugar onde a humanidade vive e no qual produz modificações. (COELHO, Rafael. Disponível em: <<http://www.mundovestibular.com.br/articles/4796/1/Geografia-e-Geografos/Paacutegina1.html>>. Acesso em 2 de fevereiro de 2017)

Aos conhecimentos de geografia era atribuído um papel de uma forma a acabar por se limitar seus estudos somente ao domínio do visual, dos fenômenos, aquilo ligado a situação presente. A redução do sujeito à neutralidade, visto que este era meramente limitado a uma posição de classificação e numeração das coisas e, portanto isento de questionamentos e da busca da compreensão de suas relações com o meio e com os homens entre si, o privava de entender o espaço a partir de uma ótica mais abrangente, que pudesse contemplar inclusive a subjetividade e a diversidade de opiniões.

A geografia tradicional teve seus fundamentos alicerçados nas ideias positivistas de Augusto Comte, que influenciaram efetivamente essa ciência e contribuíram para legitimar o conhecimento científico nessa área. Para tanto, a geografia tradicional adotou o método científico desenvolvido através da observação, da descrição e da classificação dos fatos, restringindo -se aos aspectos visíveis e mensuráveis do estudo. Essa postura contribuiu para uma descrição compartimentada do quadro natural e humano, eliminando qualquer relação entre eles. Dessa forma, a geografia não se preocupava com a análise das relações sociais, mas, sim, com o estudo dos aspectos visíveis e dos fenômenos mensuráveis. (MARTINS, Rosa. 2004, p.3)

Vale ressaltar a influência do positivismo na época, que pregava veementemente que a ciência era a única detentora do conhecimento, a verdade absoluta e a sua exatidão na compreensão dos processos, portanto todos os aspectos subjetivos, inerentes ao sujeito, deveriam ser excluídos e negados em seus estudos, não eram legitimados, como bem explicita Melo (2009, p.20):

Esta filosofia reduz o trabalho científico ao domínio da aparência dos fenômenos e a realidade ao mundo dos sentidos. Considerava o pesquisador como mero observador neutro da realidade, sendo a descrição, numeração e classificação, passos da apreensão da realidade e este método de análise, considerado único e comum a todas as ciências, sem distinguir as naturais das humanas, (...)

### **3.2 Uma nova forma de pensar Geografia**

Eis que questionamentos e críticas a respeito dessa abordagem que preconizava meramente a quantificação das coisas e a sistematização dos processos, começaram a surgir por volta do século XIX, inclusive dentro da Geografia Clássica, já que esta, segundo Melo (2009) acabou, ao longo dos séculos, “gerando trabalhos que expressam a falta de uma unidade na ciência geográfica: uma multiplicidade de formas e tendências” dos quais alguns autores defendiam a ciência geográfica como aquela que se baseava nos estudos da relação do homem com a natureza e por isso “inauguram a chamada Geografia Humanista dentro da Geografia Tradicional.”.

A necessidade de se fazer uma geografia que se aproximasse mais do sujeito e da busca de explicações que não dissociassem as relações deste com seu meio social e físico eram cada vez mais latentes. Surgem então, movimentos que se pautavam no estudo e compreensão das relações humanas, seja por sua ligação com o meio ou por suas interações, sua diversidade e reprodução cultural.

Segundo Claval (2001), tais mudanças na geografia aconteceram devido ao entendimento da diversidade, já que aos poucos se percebeu que a reprodução social e a vida das sociedades e grupos humanos transpassa a materialidade compreendida pelos estudiosos adeptos da geografia clássica. Há uma série de trocas por parte dos indivíduos, de informações, processos de cognição e ideias. Portanto as relações humanas com o ambiente se constroem e se fortalecem também a partir de processos psicológicos e sócio-psicológicos.

### **3.3 A Geografia Humanística**

O interessante é que por volta da década de 60 do milênio passado como apresenta Amorim Filho (1999), houve um movimento de resgate desses valores humanistas (que evidenciavam as experimentações e relações humanas), surgidos em paralelo na Geografia Clássica. Já que tal forma de pensar geografia, ainda segundo o autor, tinha como base apenas dois caminhos epistemológicos, aquele que preconizava a quantificação, racionalização e sistematização dos processos, chamado de neopositivista, ou a corrente neomarxista, que se pautava em tópicos economicistas e materialistas. Portanto, por muito tempo houve essa dicotomia entre essas duas formas de se pensar geografia e principalmente, entender o espaço e as relações estabelecidas ali.

É evidente que críticas em relação à estagnação dessas duas maneiras-base de pensamento clássico surgiriam, inclusive dentro da Geografia Tradicional, afinal era cada vez mais clara a necessidade de se representar geografia não apenas através de meios objetivos e meramente teóricos. Portanto cabe deixar claro que tal movimento de resgate deste pensamento geográfico surgiu anteriormente dentro da Geografia Clássica, onde o enfoque se dava no homem e nas suas relações e em menor escala no meio natural, como expõe Melo (2009, p.3):

Havia, de um lado, os geógrafos ditos Humanos que se interessavam pelos estudos da relação de adaptação entre o homem e seu meio físico (geografia anglosaxã); e de outro, os geógrafos classificados Culturais que tinham interesse nos estudos dos elementos culturais que caracterizavam uma área, as relações que envolviam o homem com o seu meio, destacando até as dimensões psicológicas, produtivas e territoriais objetivando confeccionar um retrato das regiões e dos povos (geógrafos franceses).

A recente retomada e a revalorização desses estudos relacionados às representações do ser humano por volta dos anos de 1960, levou a uma melhor compreensão e entendimento do espaço vivido e das relações humanas, inclusive pessoais e subjetivas, estabelecidas ali. Havia a necessidade, por parte de certa gama de geógrafos (e não geógrafos) interessados no assunto, da busca por novas alternativas e maneiras de pensar geografia, algo que estabelecesse uma relação mais proximal entre as coisas. Fazemos então uma observação em relação aos colaboradores desse processo de construção do conhecimento humanístico, visto que não foi apenas formado por geógrafos, mas também por cientistas sociais, naturalistas e demais profissionais interessados pelo assunto, já que necessariamente é um tema que requer interdisciplinaridade.

Portanto houve, por conseguinte, um importante movimento de renovação do que é a geografia e do que esta se propõe, este se fez presente com o nome de “geografia humanística”.

A evidente preocupação em se entender as relações humanas, individuais e coletivas, com o meio ambiente, bem como a atribuição de significados e a busca de sentimentos de ligação com o espaço que circundava as mais diferentes sociedades e culturas, fez surgir, dentro da geografia humanística um ramo de estudo denominado percepção ambiental.

Os primeiros estudos de percepção surgiram nos fins da década de 50 e início da década de 60, advindos da intensa preocupação em se conhecer e tentar explicar quais eram as atitudes e valores atribuídos por determinada população ao seu meio ambiente. (MENDES, 2005, p.43)

Holzier (1992, citado por Melo, 2009), entende que muitas das questões ligadas à fenomenologia e psicologia, por exemplo, que emergiram a partir das matrizes francesas e norte-americanas, se misturaram no início do movimento humanista, e consequentemente influenciaram no surgimento das primeiras formulações acerca do conceito de percepção ambiental, considerado inclusive tema unificador da geografia humanística, já que segundo o autor, agrupava “geógrafos de várias tendências”.

O geógrafo Amorim Filho (1992), grande colaborador para os estudos da geografia humanística no Brasil, inclusive no estado de Minas Gerais, apresenta alguns marcos fundamentais, principalmente surgidos a partir do final do século XIX, que reafirmam e servem como prova de que a percepção ambiental é discutida há bastante

tempo, bem como as bases essenciais e etapas da construção teórica a respeito do tema. Cabe aqui citar algumas dessas contribuições:

- os princípios orientadores da chamada “escola francesa tradicional”, com sua ênfase na importância e na necessidade de contatos prolongados (talvez, até uma vivência) do geógrafo com os lugares e paisagens que constituíam seu objeto de pesquisa;
- as reflexões de Carl O. Sauer (1925), na Califórnia, sobretudo na década de vinte, sobre “a geografia como estudo da diferenciação de áreas” e sobre as paisagens, percebidas e vividas pelos homens, como o tema privilegiado da atividade geográfica;
- as propostas de David Lowenthal (1961) no sentido da valorização da experiência vivida e da imaginação na atividade e no pensamento geográfico e, como consequência, sua inclusão em uma nova epistemologia da Geografia;
- por último, a mais abrangente e, talvez, a mais estimulante de todas essas contribuições: a do geógrafo Yi-Fu Tuan (1983) graças a cujas publicações, desde o início dos anos setenta novos conceitos, fundamentais para a compreensão do ambiente e para as aspirações do homem, em termos de qualidade ambiental, foram criados e difundidos. Entre eles, citam-se, por exemplo: topofilia, topofobia, geopiedade, lugares valorizados, etc...

Vale mais uma vez ressaltar a importância da obra de Yi-Fu Tuan, um dos percussores dos estudos de percepção ambiental no mundo e que contribuiu, e ainda contribui imensamente para a construção de bases teóricas e práticas sólidas para estudos relacionados à percepção ambiental que surgiram posteriormente, como este estudo de caso.

#### **4. A PERCEPÇÃO AMBIENTAL E OS SENTIMENTOS DE AFEIÇÃO OU AVERSÃO AO LUGAR**

“Quais são os laços entre o meio ambiente e a visão de mundo?” (TUAN, 1980, p.01). É com essa indagação do geógrafo Yi-Fu Tuan que partimos para o entendimento do que se entende por percepção ambiental. Para tal é importante compreender o que a palavra percepção nos diz.

Souza (2009, p.33) entende que “A percepção é uma relação do sujeito com o mundo exterior, e a forma de perceber sofre influências de valores sociais.”, e posteriormente cita Chauí (2001, p. 122-123), que descreve a percepção como o resultado da junção de processos sensoriais munidos de significados, diferentemente da soma de sensações separadas. Para ele o que é percebido é sentido e então

consequentemente recebe significado. Portanto os sentidos são parte essencial à compreensão da percepção, como descreve Melazo (2005, p.45): “A percepção individual ocorre através dos órgãos dos sentidos associados a atividades cerebrais”, e continua “Os estímulos sensoriais, os sentimentos relacionados ao espaço e a paisagem originam-se de experiências comuns voltadas ao exterior”.

Para Ivone Palma (2005),

Entende-se por percepção a interação do indivíduo com seu meio, Este envolvimento dá-se através dos órgãos dos sentidos. Para que possamos realmente PERCEBER, é necessário que tenhamos algum interesse no objeto de percepção e esse interesse é baseado nos conhecimentos, na cultura, na ética, e na postura de cada um, fazendo com que cada pessoa tenha uma percepção diferenciada para o mesmo objeto. (PALMA, 2005)

A percepção surge a partir da compreensão do espaço, da paisagem, do que é visto. Tuan (1980) destaca, por sua vez, a visão como o sentido mais evoluído dos animais, já que quando se busca entender o mundo, bem como meio que o rodeia, este depende mais da visão do que de qualquer outro sentido, sendo o homem um animal visual. São condutas relacionadas às sensações, que por sua vez são estimuladas pelos 5 sentidos (visão, paladar, tato, olfato e audição). Oliveira e Corona (2008, p.65, citam Melazo 2005) quando dizem que o autor,

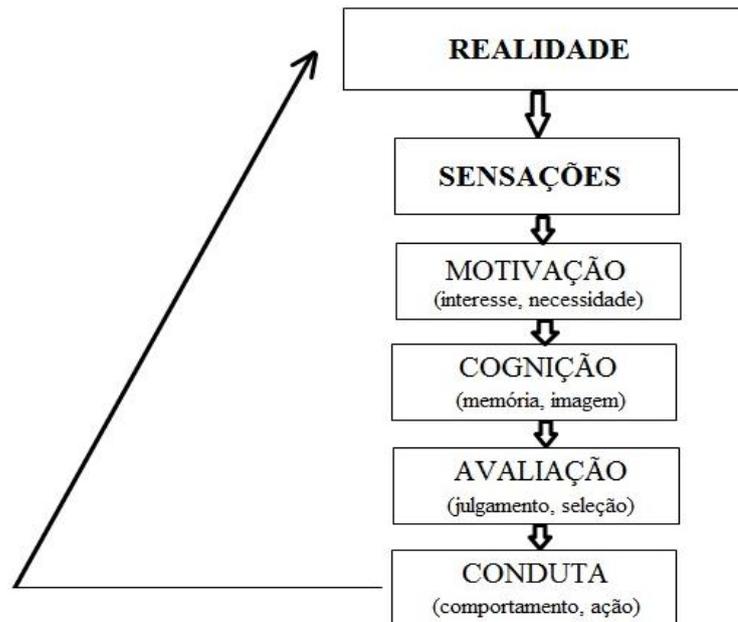
(..) descreve que as sensações são estimuladas através dos cinco sentidos humanos: visão, olfato, paladar, audição e tato. Com estes estímulos ocorre a formação das idéias e da compreensão do mundo que nos rodeia, norteados pela inteligência que possui cada indivíduo bem como de seus valores éticos, morais, culturais etc., que tornam assim o indivíduo capaz de pensar e agir sobre sua realidade. (MELAZO,2005)

Cada indivíduo possui uma resposta distinta frente ao ambiente em que se vive, bem como as suas ações naquele lugar. Sendo assim a percepção é fruto de uma análise individual, daquilo que se vê, é resultado de processos cognitivos e juízos que variam de pessoa para pessoa, são relativos e subjetivos, logo desencadeiam reações diferentes frente ao ambiente em que insere.

Os indivíduos percebem, reagem e respondem de maneira diferente frente às ações sobre o meio. Logo as respostas ou manifestações resultam das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada indivíduo, no contexto de suas relações com o ambiente e com a sociedade. Embora nem todas as manifestações psicológicas sejam evidentes, elas são constantes e afetam nossa

conduta, na maioria das vezes, inconscientemente (FAGGIONATO, 2007).

Guilherme Melazo nos apresenta um esquema que evidencia claramente o que se discute aqui neste trabalho, pois evidencia os processos cognitivos e analíticos de percepção do ambiente que normalmente são identificados quando o indivíduo analisa o seu meio:



**Figura 01:** Esquema teórico do processo perceptivo citado por Melazo (2005)

É relevante afirmarmos aqui que a percepção, apesar de se apresentar de maneira mais individual e particular em cada indivíduo, sofre influência de um leque bem extenso de fatores, tais como os valores culturais, as diferenças socioeconômicas, grupos sociais, juízo de valores, educação e etc, que, consciente ou inconscientemente afetarão no entendimento do espaço. Tuan (1980) entende que “duas pessoas não veem a mesma realidade, nem dois grupos sociais fazem a mesma avaliação do meio ambiente”, bem como Melazo (2005), que compreende que a atribuição de valores individuais depende também de algumas variáveis,

Estes significados estimulados nos indivíduos representam valores que são atribuídos de acordo com a cultura, história, idade, sexo, educação, erudição, classe social, economia, política, religião, individualidade, preferências, atitudes e atribuições do meio ambiente (MELAZO, 2005)

Pela diversidade e complexidade que apresenta, a percepção ambiental requer uma análise minuciosa e totalmente interdisciplinar dos resultados, já que por englobar questões de cunho social, ambiental, econômico e demais outros fatores, necessita dos mais variados profissionais para tal, e não apenas geógrafos. Citamos por exemplo as contribuições dos cientistas sociais, biólogos e cientistas socioambientais como estudiosos capacitados e necessários aos estudos de percepção ambiental, bem como muitos outros.

Uma ressalva, a palavra ‘percepção’ quando usada neste estudo sozinha, em nada se difere da terminologia ‘percepção ambiental’, já que se considera que nada se encontra fora do ambiente, seja ele qual for, seja ele natural ou antropizado.

Dadas as devidas definições á respeito da percepção ambiental, cabe aqui elencarmos 4 conceitos-chave quando tratamos do tema. Tais conceitos lidam com sentimentos de indiferença, aversão ou afeição das pessoas pelos lugares em que se convive. Estes por sua vez, ajudarão na compreensão das discussões e resultados que serão apresentados neste estudo posteriormente.

Sentimentos e valores ⇨ formação de juízo de valor ⇨ ações sobre os lugares e paisagens

**Figura 02:** Esquema simples a respeito dos sentimentos e valores dados aos lugares. Amorim Filho (1999). Com adaptações.

O primeiro deles, denominado **topofilia**, diz respeito aos sentimentos de afeição em relacionados ao lugar em que se tem contato, logo tais sentimentos, individuais ou coletivos, dizem respeito à valorização dos lugares.

A palavra "topofilia" é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. (TUAN, 1980, p.107)

Em seguida sua oposição, a **topofobia**, que configura alguma forma de aversão ou repulsa as paisagens ou lugares. A partir dessas duas definições relacionadas a percepção do meio ambiente, posteriormente vieram a surgir outros conceitos que como cita Amorim Filho (1999), se aparentam aos dois já descritos, mas também se diferem em alguns aspectos. O **Topocídio** é o termo usado para caracterizar a destruição e aniquilação deliberada dos lugares e por fim a **topo-reabilitação**, definição proposta

pelo próprio autor e que menciona as ações de recuperação e reabilitação de lugares e paisagens que continham sentimentos topofílicos, mas que foram destruídos.

Compreendidas aqui algumas das inúmeras, porém convergentes definições acerca da percepção ambiental, cabe fazermos um questionamento acerca da aplicação dos conceitos, bem como buscarmos entender as contribuições e potencialidades dos estudos relacionados ao tema para com a sociedade em geral.

Souza (2009) entende que,

Para analisar a performance de um ambiente, é necessário conhecer o usuário do ambiente estudado, seu comportamento ambiental, como ele percebe, como vê e interpreta este espaço através de formulação de imagens; como ele se apropria dos espaços, como interfere e adapta o espaço para suprir suas necessidades. Logo, torna-se relevante um entendimento maior sobre: qualidade ambiental urbana e qualidade de vida, percepção, leitura, imagem ambiental, uso e apropriação do espaço. (SOUZA, 2009, p.23)

Portanto é importante, que em primeira instância, compreendamos as inter-relações estabelecidas entre o homem e o ambiente para que saibamos das necessidades, expectativas, insatisfações, julgamentos e condutas das pessoas em relação ao lugar.

(...) pode-se dizer que a percepção do meio ambiente se preocupa com os processos pelos quais as pessoas atribuem significado ao seu meio; sendo, pois, uma interface entre o indivíduo e o grupo, as decisões políticas e o meio ambiente.” (OLIVEIRA, 2002, p. 42)

Dessa maneira, o planejamento e aplicação de medidas que visem melhorar a qualidade de vida das pessoas e do ambiente em questão são facilitados consideravelmente, já que não há ninguém melhor que os usuários do lugar para delimitar, ou guiar proposições de mudança e intervenção no espaço, no sentido de melhorar a qualidade ambiental urbana. Costa e Colesanti (2011) entendem que os estudos baseados numa visão perceptiva “buscam conhecer a maneira pela qual os seres humanos respondem ao seu ambiente físico, ou seja, a percepção que dele têm e o valor que nele depositam.”, como se apropriam do lugar. Além disso, a percepção ambiental possui a função de promover a conscientização e educação ambiental, assim colaborando para que se estabeleça uma relação mais harmônica entre o indivíduo ou o coletivo diante do ambiente em que o rodeia, assunto que será melhor debatido nos capítulos posteriores deste estudo.

Outro ponto interessante e que nos dá a fundamentação necessária a introdução do escopo analisado neste estudo, se dá a partir da aplicação dos conhecimentos relacionados à percepção ambiental. São frequentes os questionamentos a respeito de quais são lugares propícios as serem desenvolvidos os conceitos de percepção ambiental.

Visto que definição do que é percepção abrange a compreensão das relações estabelecidas entre o homem e o ambiente, é seguro afirmar que os estudos de percepção ambiental podem ser desenvolvidos em todos os lugares em que tais vínculos se estabelecem, independente da intensidade, uso e forma de ocupação. É possível que a polemização em relação a aplicação do tema aos lugares se dê ao fato da falta de uma compreensão abrangente de certos conceitos por parte de uma considerável parcela da sociedade, o que impede que haja um questionamento ou entendimento pleno de sua real importância. Cabe aqui elencar os termos ‘ambiental’ e ‘meio ambiente’, normalmente atrelados à valores e concepções ligadas à natureza, aquela distante e por vezes intocada, e que portanto, para muitas pessoas, principalmente residentes de centros urbanos, se torna um assunto distante, normalmente visto apenas em noticiários e que não possui tanta importância em seu cotidiano.

Cabe mais uma vez, dizer que o meio ambiente é o espaço que nos circunda, se vive, se utiliza, independente se das transformações humanas ou não ocorridas ali, este espaço ainda se configura meio, portanto é passível apto a estudos de percepção ambiental. E é nessa linha de percepção ambiental urbana que o presente estudo prossegue, já que se pretende estabelecer uma relação mais proximal do estudo com o contexto que eu, como pesquisador, me insiro, que é a cidade, mais precisamente a região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Além do mais esta pesquisa pretende fortalecer e incentivar os estudos de percepção no país e principalmente no estado, já que não são muitos os trabalhos que dispuseram a realizar tais estudos em Minas, como descreve Amorim filho (1992), apesar do crescimento desses trabalhos no Brasil vistos desde então.

#### **4.1 A Percepção ambiental e a cidade**

Decorrente de uma longa questão histórica, de supressão e destruição dos recursos naturais, das aglomerações humanas e êxodo rural, os grandes centros urbanos se tornaram palco do distanciamento das relações humanas com a natureza. Melazo

(2005) avalia que ‘‘o ambiente natural foi substituído por espaços urbanos, sendo estes palcos de relações entre a comunidade humana e seu meio físico, alterado pela própria ação antrópica’’.

O homem, no seu cotidiano, está em contato com vários ambientes e cada um deles exige um tipo de comportamento, seja em casa, na rua, no trabalho, num parque, numa praça. A forma como cada indivíduo se relaciona e responde aos vários aspectos que esses espaços possuem, interfere na forma de perceber e usar esses espaços. (SOUZA, 2009, p.23)

É recorrente que se pense também, que um espaço antropizado, ou seja, que sofreu ou sofre interferência e modificação humana, como as cidades, por exemplo, esteja dissociado do meio ambiente. O desafio está na conscientização e na quebra dessa lógica comum de separação, visto que estamos todos integrados ao meio e fazemos parte da natureza.

A ideia que se tem das cidades como um espaço do caos, deve ser substituída por uma nova perspectiva buscando novas formas de administrar os processos sociais que as produzem e as modificam, ou seja, os procedimentos e as ações devem compreender as especificidades dos espaços, suas relações com seus espaços de entorno e sua dinâmica social, econômica, cultural que neles ocorrem, de maneira menos predatória possível ao meio ambiente. (MELAZO, 2005, p.3)

A percepção ambiental serve como um prática ou exercício de compreensão das cidades e as diversas visões, sentimentos e relações que se estabelecem entre que se integra, Adslane Pereira entende a cidade como um ambiente potencial para estudos de percepção ambiental, já que por se caracterizar por uma grande densidade populacional, o entendimento e a forma de lidar como lugar, bem como todos os serviços, oportunidades e problemas oferecidos ali, é bem diverso.

As cidades cresceram e se tornaram atrativas para as pessoas por oferecerem muitos recursos e oportunidades como: trabalho, escolas, universidades, shoppings, teatros, cinemas, hospitais dentre outras. Com esse crescimento vieram problemas que afetam diretamente a população como: engarrafamentos, violência, poluição, sistemas de transporte e saúde deficientes. Esses agentes positivos e negativos oferecidos à população de uma grande cidade são vivenciados e sentidos de maneiras diferentes. O meio exerce poder de interferência no homem e o homem no meio e é a partir dessa relação onde a forma de perceber cada ambiente surge espontaneamente e individualmente. Por meio da percepção dos usuários é possível identificar aceitação ou rejeição com relação a um lugar. (SOUZA, 2009, p.32)

O dinamismo das relações estabelecidas nestes espaços acaba por oferecer um importante material para se trabalhar a percepção ambiental, e conseqüentemente estabelecer medidas, juntamente com o planejamento e gestão adequados, que visem melhorar a qualidade de vida e a justiça social para que os utiliza.

Marcelo Lopes de Souza entende que as práticas de mudança ligadas ao planejamento precisam ser cautelosamente medidas, de forma que possam estabelecer um balanço entre a quebra do senso comum e a compreensão dos valores dos que usufruem e conhecem o lugar.

Um planejamento crítico, portanto, como pesquisa científica aplicada que é, deve, por um lado, manter-se vigilante do senso comum, desafiando-o e buscando-o “ultrapassá-lo ao interrogar o não-interrogado e duvidar de certezas não questionadas; ao mesmo tempo, um planejamento crítico não-arrogante não pode simplesmente ignorar os “saberes locais” e os “mundos de vida” (*Lebenswelten*) dos homens e mulheres concretos, como se as aspirações e necessidades destes devessem ser definidas por outros que não eles mesmos. (SOUZA, 2001, p.37)

Portanto só a partir desse equilíbrio, é que se garante um ambiente urbano com maior justiça social e melhor qualidade de vida para a população.

É evidente que os sentimentos aqui descritos relacionados a topofilia comumente ligada aos centros urbanos e a negação da cidade como meio ambiente, bem como a caracterização desses espaços a partir de uma lógica pejorativa, como apenas palcos caos, da poluição, da correria, do trânsito e etc, não são mudados ou revistos de uma hora para outra, são fruto de construções sociais bem enraizadas e que precisam ser trabalhados com paciência e cautela, para que a real mudança de concepção ocorra.

Cabe, portanto, elencar os lugares da cidade que possam servir de ponto inicial para desconstrução dessas ideias, ambientes que propiciem a abertura ao diálogo a respeito das questões ambientais urbanas, e que estabeleçam uma maior conexão do cidadão urbano com elementos naturais, bem como a conscientização e educação ambiental.

Neste sentido, é possível afirmar que é na negação do urbano que surge a valorização da natureza intocada. É nesta oposição que se fundamenta o resgate de atividades ligadas a natureza, onde a proximidade com os elementos da natureza, com animais selvagens e com a vegetação de maneira geral, torna-se objeto de anseio da população. (COSTA E COLESANTI, 2011, p.9)

A partir da lógica desses ambientes de ‘negação do urbano’ inseridos nas cidades, que se configuram por aqueles lugares que oferecem certa sensação de alívio ou fuga dos demais ambientes urbanos, que levam a proximidade com elementos naturais, os espaços verdes das cidades se configuram como lugares em potencial para o estabelecimento de práticas de percepção e educação ambiental. Fatores que possuem a capacidade de propiciar certa tomada de consciência do ambiente pelo cidadão, fortalecer sentimentos topofílicos sobre estes espaços e a cidade em geral e formá-los críticos e engajados a propor mudanças às situações adversas desses ambientes urbanos.

#### **4.2 A contribuição dos espaços verdes urbanos para os estudos de Percepção ambiental**

É quase unanimidade afirmarmos que os espaços verdes das cidades se configuram como elementos de extrema importância para o estabelecimento de uma melhor qualidade de vida urbana. Na cidade, tais espaços apresentam uma infinidade de caracterizações, muitas vezes distintas do que realmente são, não há consenso na delimitação dos espaços verdes urbanos. Este estudo, portanto, entenderá os espaços verdes como aqueles que apresentam vegetação e propiciam benefícios básicos para uma boa qualidade ambiental urbana, tais quais os adotados por Costa e Colesanti (2011), onde tais espaços ‘devem satisfazer três objetivos principais: ecológico-ambiental, estético e de lazer e devem servir a população, proporcionando uso e condições para recreação’, vale também acrescentar um dos valores fundamentais na concepção desse estudo, que é a questão social. Os parques, praças e jardins urbanos são os ambientes que se enquadram nesses quesitos.

Dentro dessa variedade de espaços verdes presentes nas cidades, o parque urbano foi escolhido como estudo de caso porque evidencia de melhor maneira os aspectos de um espaço verde caracterizados neste estudo, além de normalmente abrangerem maiores áreas da cidade, se comparados às demais áreas verdes urbanas. De maneira sucinta, os parques urbanos públicos configuram lugares de importantíssima reprodução e convívio social, são espaços da diversidade, de proximidade com elementos da natureza, de lazer, relaxamento e melhoria da qualidade de vida. Além do mais se apresentam como lugares políticos, de fortalecimento de grupos sociais, de acolhimento das minorias, são palco de manifestações culturais e de reivindicação. E por fim se tornam lugares em potencial para o fortalecimento e incentivo a

conscientização e sensibilização ambiental, tornando assim os cidadãos e mais conscientes e integrados em relação ao seu meio e à natureza. A percepção e educação ambiental tornam-se, portanto, conceitos-chave para a análise dessas questões e proposição de melhoria desses aspectos do parque, elencados aqui.

Nesta, perspectiva, os parques urbanos constituem-se espaços ideais para o desenvolvimento de atividades ligadas à Percepção Ambiental e Educação ambiental com o objetivo de proporcionar uma consciência e uma mudança de atitudes e ideais. (MELAZO, 2005, p.47)

Costa e Colesanti (2011), também entendem que,

(...) áreas verdes públicas como praças, parques urbanos e jardins devem atender às necessidades e anseios da população, para serem desejados e mantidos pela população. Logo, uma alternativa está nos estudos de percepção ambiental e na busca por compreender como a população enxerga estes espaços, o que ela anseia, e, que relação estabelece com estes espaços. (COSTA E COLESANTI, 2001, p.5)

São por sua vez, percebendo os anseios e valores atribuídos a estes lugares pelos frequentadores dos mesmos, que se têm condições de oferecer medidas condizentes a sua realidade, a fim de melhorá-los.

Saber como os indivíduos com quem trabalharemos percebem o ambiente em que vivem, suas fontes de satisfação e insatisfação é de fundamental importância, pois só assim, conhecendo a cada um, será possível a realização de um trabalho com bases locais, partindo da realidade do público alvo (FAGGIONATO 2007, p.1, material de apoio).

Adslane Pereira (2009), em seu estudo sobre a percepção ambiental das pessoas nas praças públicas, elencou algumas qualidades importantes desses espaços, de forma que se atendidos de maneira satisfatória, garantiriam um aumento da qualidade ambiental das cidades. Neste estudo tais qualidades e aspectos também serão incorporados aos parques urbanos. São alguns deles:

- **Serviços ambientais**, ou seja, os benefícios desses lugares para o meio e seus usuários, tais como a melhoria na ventilação e aeração urbana, sombreamento, regulação da temperatura do ambiente, drenagem das águas pluviais através de suas superfícies permeáveis;

- **Valores ecológicos**, de garantia de sobrevivência da fauna urbana;
- **Valores estéticos e simbólicos**, pela importância cênica na paisagem urbana, bem como a valoração e identificação em elementos inseridos ali;
- **Valores funcionais e sociais**, que propiciam o lazer, convívio, como um espaço recreativo.

Visto o grandioso valor dos parques para a melhoria da qualidade de vida num contexto urbano, aliado a curiosidade de se entender as dinâmicas e visões dos usuários acerca desses espaços, foi feito um estudo de caso no Parque Municipal de Belo Horizonte, através de uma imersão pessoal e aplicação de entrevistas semi-estruturadas aos frequentadores do parque *in loco*, tendo como base os conceitos de percepção ambiental.

#### **4.3 O Parque Municipal de Belo Horizonte como estudo de caso**

Situado na região do centro da capital de Minas Gerais, o Parque Municipal Américo Renné Giannetti ou Parque Municipal de Belo Horizonte, foi inaugurado em 26 de novembro de 1897, inclusive primeiro que a própria capital. Antes de sua construção, o terreno constituía uma chácara, que serviu de moradia para o arquiteto e paisagista francês Paul Villon, que ‘‘sonhava em plantar na cidade o maior parque urbano da América Latina’’ (Prefeitura de Belo Horizonte).

Originalmente com cerca de 600 mil metros quadrados, tendo como limites as avenidas Afonso Pena, Mantiqueira (atual Alfredo Balena), Araguaia (atual Francisco Sales) e Tocantins (atual Assis Chateaubriand), hoje o parque possui por volta de apenas 182 mil, tombados em 1975 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Portanto, cerca de 2/3 da área original do parque perderam espaço para a área hospitalar, supermercados, galpões e etc.

É importante estabelecermos aqui um exercício mental breve, mesmo que não seja foco do estudo, no sentido de imaginarmos quais foram as reações dos frequentadores e moradores da região quando esta enorme área do parque foi suprimida e deu espaço a outras construções. Sentimentos principalmente ligados a afeição e de perda de referencial topofílico certamente foram os mais impactados com tal topocídio.

Abaixo temos um mapa representativo da redução espacial do parque, o conjunto das áreas coloridas no mapa corresponde a sua área original:



**Figura 03:** Área atual e suprimida do parque a partir de uma imagem de satélite  
Fonte: Elaborado pelo autor através do programa *Google Earth*.

Apesar da enorme diminuição de sua área atual, o Parque Municipal ainda representa uma grande área verde urbana e possui um enorme papel social e ambiental para a cidade. Por se localizar no hipercentro, uma das áreas com maior adensamento populacional da capital, o Parque Municipal de Belo Horizonte oferece qualidade ambiental, de lazer e se apresenta como alternativas de passeio e descanso mais economicamente viáveis para a população, já que sua entrada é gratuita.

Atualmente o parque conta com um parque de diversões, equipamentos de ginástica, pista de skate, quadras de tênis e poliesportiva, playground com brinquedos gratuitos, alguns monumentos e construções notáveis além das estruturas básicas como banheiros, bancos, bebedouros. Além disso, possui um teatro (Francisco Nunes) que recebe espetáculos de grande visibilidade e também o Palácio das Artes, planejado por Oscar Niemeyer, e que é referência na cena artística nacional e internacional.

O parque ainda contém três lagoas e inúmeras nascentes distribuídas por sua área, possui por volta de 300 espécies de árvores, nativas e exóticas além de cerca de 70 espécies de vertebrados, como inúmeras aves, peixes, pequenos mamíferos e até répteis, fora os invertebrados.

Outros motivos fizeram a escolha do parque municipal como objeto de estudo:

- atua como palco de inúmeras formas de representação e expressão, sejam elas culturais, ideológicas, espirituais e etc. As incontáveis formas de apropriação desse

espaço só reforçam o argumento da enorme importância do lugar para o centro urbano de BH;

- o contraste estabelecido entre o centro da capital e esta grande área verde, já há uma discrepância notável no que diz respeito à caracterização e aos sentimentos ligados a essas duas áreas da cidade;

- por representar um local de acolhimento das minorias, excluídos e marginalizados por grande parte da sociedade, como moradores de rua e homossexuais por exemplo.

Essas questões serão mais bem discutidas nos capítulos posteriores deste estudo, através da análise dos resultados obtidos com as impressões visuais e aplicação dos questionários.

## **5. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS OBTIDOS**

### **5.1 O Parque a partir do olhar do pesquisador-frequentador**

Como já dito, esta primeira etapa de análise do escopo em questão se caracterizou por uma imersão pessoal no lugar. Portanto buscou-se entender, mesmo que de forma breve, como as dinâmicas do parque se estabeleciam a partir de uma visão particular e proximal. Estas são as primeiras impressões do parque, portanto esta fase se concretizou como um momento de descoberta e reflexão, pautado a partir das experimentações, memórias e sensações pessoais que o parque ofereceu. Essa análise *in loco* ocorreu no dia 10 de janeiro de 2017, por volta das 14:00. Era domingo, e por consequência o dia mais movimentado e cheio da semana no parque, o que proporcionou uma visão mais detalhada e completa dos inúmeros usos, públicos e relações estabelecidas ali. Ressalto que a ida a campo se deu em temporada de férias, fator que aumenta mais ainda no número de visitantes. Uma parte dos questionários também foi aplicada no mesmo dia, visando aproveitar a situação em questão.

Vale lembrar que ali estava eu desempenhando duas funções, a de pesquisador e a de frequentador, é importante que se entenda que as duas visões não são excludentes entre si, pelo contrário, se mesclam e possuem a mesma importância neste estudo. O que será feito a partir de então é evidenciar quais foram essas primeiras impressões a partir desses dois olhares.

Como pesquisador era imprescindível que se estabelecesse um olhar crítico sobre o lugar, adquirido e aperfeiçoado ao longo de toda a formação acadêmica em

ciências socioambientais. Aspectos como o ambiente físico em si, a limpeza, o funcionamento dos serviços básicos, as relações pessoais estabelecidas ali, o papel do lugar para as pessoas e a sua importância para o ambiente urbano, bem como outros, foram levados em conta. As impressões mais marcantes e ilustrativas foram documentadas a partir de fotografias.



**Figuras 04 e 05:** Avenida principal do parque em um fim de semana e o contraste com a mesma avenida em um dia de semana

Fotos: Lucas Oliveira / Fonte: Pessoal

Como fez parte da infância de muitos moradores, principalmente da região metropolitana de Belo Horizonte, um dos sentimentos compartilhados mais fortes e presenciados nesta parte do estudo foi o de nostalgia, a entrada do parque. Os burrinhos de passeio e os brinquedos trouxeram sensações antigas, de alegria, diversão e brincadeiras, que garantiram uma aproximação maior com o lugar.



**Figuras 06 e 07:** A imponente arborização do parque vista a partir da Avenida dos Andradas e os brinquedos motorizados e pagos do parque

Fotos: Lucas Oliveira / Fonte: Pessoal

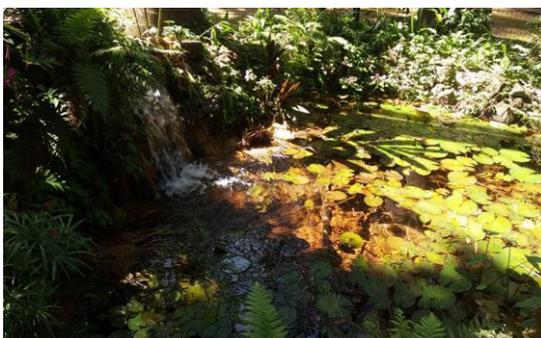
Outro ponto a se nota é a flora exuberante do Parque Municipal, são inúmeros os jardins, gramados, e a quantidade de árvores que acabam por se tornar uma das características mais marcantes presenciadas quando se visita. A sensação de proximidade com a natureza descrita de forma recorrente pelos frequentadores do

parque vem, em grande parte, dessa percepção da flora que é muito rica e diversa. Foi clara a preferência das pessoas em descansar em baixo das sombras das árvores ou de se reunirem nos gramados, o que ressalta a importância desses elementos em um ambiente como o parque.



**Figuras 08 e 09:** Exemplos da exuberante flora do parque,  
Fotos: Lucas Oliveira / Fonte: Pessoal

Como outro aspecto que simboliza a identidade e afeição das pessoas com o parque, destacam-se os lagos e as nascentes que se espalham por toda a sua área. Estes são as atrações mais procuradas pelos usuários, pela beleza cênica, possibilidade de passeio nos barcos, e pela curiosidade dos frequentadores em se observar a enorme quantidade de peixes que os habitam, bem como as aves aquáticas e os cágados.



**Figuras 10 e 11:** Uma das nascentes do parque e a lagoa dos barcos, situada próximo à uma das entradas do parque, localizada na avenida dos Andradas.  
Fotos: Lucas Oliveira / Fonte: Pessoal

O parque é cenário de incontáveis formas de expressão por quem os frequenta, seja a partir de manifestações socioculturais, ou por ser um local agradável de encontro, de casais, amigos e grupos. É um ambiente de relaxamento, o que propicia a prática de atividades de bem estar físico e mental. As dinâmicas e usos do espaço são bastante variados, em apenas um dia de visita foram observadas rodas de capoeira, pessoas

praticando caminhada, esportes, grandes grupos de jovens reunidos num ambiente sombreado, um grupo de meditação e etc.

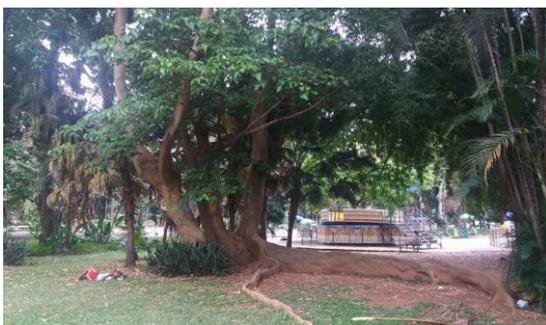


**Figuras 12 e 13:** Roda de capoeira e jovens jogando futebol na quara poliesportiva  
Fotos: Lucas Oliveira / Fonte: Pessoal



**Figuras 14 e 15:** Grupo de meditação e encontro de jovens  
Fotos: Lucas Oliveira / Fonte: Pessoal

Como último dessa análise pessoal e visual do lugar vale destacar alguns pontos negativos e/ou preocupantes que chamaram a atenção. Havia muita sujeira espalhada pelo parque, principalmente nas áreas próximas as barraquinhas de comida, esse inclusive é um dos fatores que mais incomodou os usuários entrevistados. Não foram observadas muitas latas de lixo, principalmente aquelas destinadas ao reciclo desses rejeitos. A que foi encontrada não indicava a cor para cada tipo de material, pessoas sem o conhecimento da relação cor/tipo de material (a grande maioria) a se reciclar, ficavam confusas. Não há placas indicativas de conscientização para a destinação do lixo nem do uso correto e consciente do ambiente. A quantidade de moradores de rua no parque também impressiona, é uma realidade visível. No caso, o parque atua como um local de abrigo e acolhimento para essas pessoas. É uma questão social complexa, visto sua invisibilidade social e a falta de políticas públicas que possam contemplá-los.



**Figuras 16 e 17:** Morador de rua dormindo na sombra e latas de lixo sem identificação  
Fotos: Lucas Oliveira / Fonte: Pessoal

A todo o momento havia um questionamento pessoal acerca de minha função como pesquisador, para a formulação deste estudo e para como os demais frequentadores do parque, visto que o papel que deveria ser estabelecido no momento das entrevistas era como de um interlocutor e não como protagonista.

(...) lidar com os parâmetros e seu conteúdo é uma tarefa coletiva, na qual o cientista ou intelectual pode, no máximo, propor balizamentos e desempenhar o papel de prestador de esclarecimentos técnicos e de auxiliar na coordenação de debates e enquetes populares. (SOUZA, 2001, p.80)

Portanto houve um cuidado especial na hora da aplicação dos questionários no sentido de não influenciar nas respostas, mas apenas estimular e incitar a conversação e a formulação das impressões dos usuários sobre o lugar.

## **5.2 O Parque a partir do olhar do pesquisado**

Visto a necessidade de se coletar as impressões, sentimentos e valores dados ao parque pelos seus usuários, a formulação e posterior aplicação de questionários que abarcassem aspectos do ambiente da cidade e do lugar em si foi a opção escolhida, pois propiciou a conversa direta com quem frequenta o lugar, e por sua vez uma maior veracidade na coleta dessas percepções. Foi delimitado que fossem respondidos um total de 30 entrevistas semi-estruturadas, dos quais 22 foram impressas e aplicadas dentro do Parque Municipal de Belo Horizonte: 7 no dia 08 de janeiro de 2017, estrategicamente em um fim de semana (domingo) de férias escolares, e mais 15 no dia 10 de janeiro, numa terça-feira. A escolha seguiu a lógica da diferença de usos do parque de um dia de semana para um final de semana.

Os 8 questionários restantes se destinaram à alunos de graduação, mais especificamente, da Universidade Federal de Minas Gerais, que frequentam o parque, já que foi um tipo de público que não se observou na aplicação dos questionários *in loco*. Visto a necessidade de variação das respostas e impressões sobre o lugar, foram entrevistados alunos de cursos diferentes, como geografia, letras, pedagogia, ciências socioambientais e jornalismo.

Por se tratar de uma amostragem pequena é sensato esclarecer que os resultados apresentados aqui não se preocuparam em representar padrões de preferências, de públicos, e de percepções dos usuários. Este serve apenas como um esforço inicial a percepção dos usuários acerca do lugar e de sua importância a qualidade de vida urbana, de forma a auxiliar pesquisas futuras de percepção ambiental, planejamentos e ações que visem melhorá-la, a partir dessas áreas verdes. Tratemos aqui de diversidade, não de padronizações.

A estrutura do questionário se dividiu em duas partes: A **parte 1** buscou identificar o perfil dos usuários entrevistados através do sexo, bairro onde mora, idade, atividade profissional e escolaridade, o nome era perguntado a fim de garantir uma maior proximidade do pesquisador com o entrevistado.

Já a **parte 2** representou a entrevista em si, através da aplicação de 20 perguntas abertas e fechadas que permitiram a análise da visão dos usuários sobre questões ambientais, qualidade de vida na cidade, sua percepção acerca do parque e sua importância num contexto urbano. Essa parte por sua vez se dividiu em três etapas principais: Uma **etapa preliminar**, cujo objetivo foi o de buscar compreender de maneira geral, o nível de conscientização/preocupação ambiental dos frequentadores do parque, bem como aspectos de qualidade de vida da cidade. A **etapa 1**, que se preocupou em averiguar a qualidade ambiental do parque a partir da percepção dos usuários e por fim a **etapa 2**, que investigou a contribuição do Parque Municipal a melhoria da qualidade de vida dos usuários e o seu papel para a cidade. O enunciado de cada questão e seus objetivos serão apresentados a seguir, juntamente com uma breve discussão.

Visando facilitar a visualização dos resultados obtidos a partir das entrevistas, e assumindo a lógica perceptiva da visão como um dos elementos fundamentais a compreensão das coisas, foram gerados mapas, esquemas de palavras e tabelas que permitirão uma análise e entendimento mais abrangente dos objetivos deste estudo.

Sobre o processo de aplicação das entrevistas é importante destacarmos dois pontos interessantes: a visualização de um momento oportuno para a abordagem do usuário se fez parte importante, visto que às há um certa sensação incomodo e intromissão quando no ato de entrevistar. Por isso buscou-se visualizar as pessoas que se encontravam mais relaxadas, de preferência sentadas. Foi visto também, inclusive durante as conversas e aplicação desses questionários, que algumas perguntas se assemelhavam muito, a ponto de serem removidas e reformuladas durante o processo das entrevistas.

## ENTREVISTA

### PARTE 1 – PERFIL DO USUÁRIO

Tabela 01 - Perfil dos usuários

<b>Sexo</b>		
Opções	Número de Entrevistados	Percentual
Masculino	16	56,6%
Feminino	14	43,3%
Total	30	100%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

Dos 30 entrevistados, 56,6% são do sexo masculino e 43,3% do sexo feminino, a escolha dos entrevistados não se pautou no sexo, apesar de haver certo equilíbrio não proposital nos resultados.

Tabela 02 - Perfil dos usuários

<b>Idade</b>		
Opções	Número de Entrevistados	Percentual
17 a 30 anos	14	46,6%
31 a 50 anos	6	20%
51 a 70 anos	8	26,6%
Mais de 70 anos	2	6,6%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

Como análise da idade dos usuários entrevistados, vemos que quase metade (46,6%) deles possui de 17 a 30 anos, o público mais jovem é o que mais frequenta e desfruta do parque. A amostragem não inclui o público infantil que é enorme, já que as atrações são inúmeras, como os brinquedos (motorizados ou não), passeios de barco e passeios de burro. Ações que visem o melhoramento do parque, bem como a

conscientização dos usuários a respeito da manutenção do lugar, por exemplo, devem levar em conta essa parcela significativa dos que o frequentam.

Tabela 03 - Perfil dos usuários

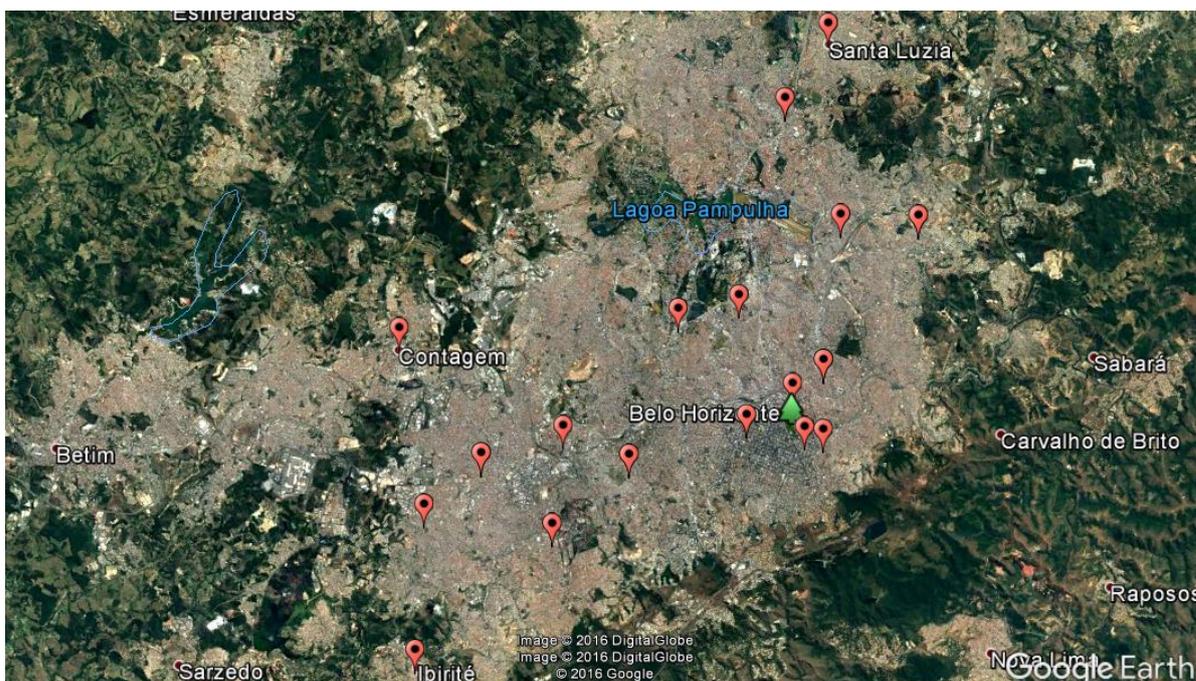
<b>Escolaridade</b>		
Opções	Número de Entrevistados	Percentual
Ensino Fundamental	6	20%
Ensino Médio	10	33,3%
Ensino Superior Incompleto	8	26,6%
Ensino Superior Completo	6	20%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

Avaliar o nível de escolaridade nos dá um dos primeiros indícios da diversidade de públicos que o parque agrega, dos mais aos menos escolarizados, vemos que há um balanceamento na porcentagem do nível de estudo dos usuários, apesar maioria possuir apenas o ensino médio, o que indica a possível presença de uma ligeira maioria de cidadãos mais humildes, economicamente falando, se atrelarmos a escolaridade ao nível de renda.

Dos aspectos que mais variaram durante as entrevistas foram sobre as atividades profissionais desempenhadas pelos usuários, esses exercem as mais variadas funções, desde aquelas que não exigem maior qualificação e grau de escolaridade elevado até aquelas que necessitam de curso superior. Vale destacar que 16,6% dos usuários são aposentados e que há a predominância de pessoas com empregos que não precisam de nível superior ou são estudantes. Dois moradores de rua também foram entrevistados.

Saber a respeito dos bairros onde os frequentadores do parque entrevistados moram fez toda a diferença para este estudo. A partir da análise desses bairros se pode inferir de alguma forma, o nível de importância desse espaço verde para a cidade, ou melhor, para toda a Região Metropolitana de Belo Horizonte. Para uma maior compreensão desse importante aspecto foi feito um mapa com a localização dos bairros onde moram os frequentadores do Parque Municipal de Belo Horizonte entrevistados. A partir do programa *Google Earth*, foram encontrados, através de sua ferramenta de busca, os bairros dos usuários. No momento em que a busca identificava o local era utilizado um marcador vermelho. O marcador verde em forma de árvore simboliza a área de localização do Parque Municipal e a área contornada em azul representa a lagoa da Pampulha, para que o leitor se situe melhor:



**Figura 18:** Mapa de satélite da região metropolitana de Belo Horizonte e os indicadores dos bairros onde residem os usuários do parque entrevistados neste estudo.  
Elaborado pelo autor através do programa *Google Earth*.

Como visto os bairros onde residem os entrevistados se estendem por quase toda a região metropolitana de Belo Horizonte, de Contagem ao bairro Serra, de Santa Luzia a Ibirité, o que é um forte indicativo do papel e importância do Parque Municipal para as pessoas, já que mesmo pela distância as pessoas o frequentam. Dos 30 questionários aplicados, 4 pertenciam a pessoas que não moravam na região metropolitana, foram respondidos por cidadãos das cidades de Mariana, Visconde do Rio Branco e Itaúna, o que reforça ainda mais o papel do parque como um referencial turístico extremamente forte na cidade.

## PARTE 2 – ENTREVISTAS

ETAPA PRELIMINAR - Questões de 1 a 4: buscaram compreender de maneira geral, o nível de conscientização/preocupação ambiental dos frequentadores do parque, bem como aspectos de qualidade de vida da cidade:

Tabela 04 – Questão 1

<b>Interesse por assuntos relacionados ao meio ambiente</b>		
Opções	Número de Entrevistados	Percentual
Sim	30	100%
Não	0	0%
Não respondeu	0	0%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

É impressionante o fato de todas as pessoas entrevistadas declararem ter algum interesse em relação as questões ambientais, muitas delas foram inclusive bastante enfáticas e fazer tal afirmação. Estabelecer um dialogo a respeito do meio ambiente, que é um assunto que está em voga nos dias atuais, é importante e necessário. O parque e sua proximidade com elementos da natureza acaba por potencializar esse interesse do frequentador pelo tema, do qual deve ser explorado, mesmo que de forma simples, nesses ambientes. Ações de conscientização e educação ambiental, relacionadas ao lugar e a cidade em si, voltadas para os mais variados públicos que usufruem do parque seriam práticas interessantes.

Tabela 05 – Questão 2

<b>Incômodo em relação a algum aspecto ambiental da cidade (poluição, ruído, sujeira e etc)</b>		
Opções	Número de Entrevistados	Percentual
Sim	29	96,6%
Não	1	3,3%
Não respondeu	0	0%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

Assunto que também foi quase unanimidade entre os entrevistados foi o de incômodo em relação aos aspectos ambientais da cidade, destaca-se o trânsito e poluição ambiental, sonora e visual como os principais fatores de desconforto ambiental. Quando questionados se já fizeram alguma para mudar tal situação, 70% dos usuários disseram que sim, e afirmaram “fazer o seu papel” jogando o “lixo no lixo”. Algo mais relacionado a atitudes individuais. É interessante percebermos não há um entendimento amplo por parte dos entrevistados quando o assunto aborda ações de conscientização ambiental individual, já que apenas o fator de destinação adequada do lixo foi mencionado.

Tabela 06 – Questão 2.1

<b>Em relação a tal incômodo, você já fez algo para mudar essa situação?</b>		
Opções	Número de Entrevistados	Percentual
Sim	21	70%
Não	8	26,6%
Não respondeu	1	3,3%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

Tabela 07 – Questão 3

<b>Como você considera a qualidade de vida em Belo Horizonte?</b>		
Opções	Número de Entrevistados	Percentual
Ótima	1	3,3%
Boa	13	43,3%
Regular	12	40%
Ruim	2	6,6%
Péssima	2	6,6%
Não respondeu	0	0%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

Quase metade (43,3%) dos entrevistados consideraram a qualidade de vida da cidade de Belo Horizonte boa, outros 40% entendem a qualidade de vida da cidade como regular. Apenas uma pessoa considerou que a vida em Belo Horizonte é ótima e 2 foram enfáticos em afirmar que a qualidade de vida na cidade é péssima.

Tabela 08 – Questão 3.1

<b>E caso a cidade tivesse mais parques, a qualidade de vida melhoraria?</b>		
Opções	Número de Entrevistados	Percentual
Sim	28	93,3%
Não	2	6,6%
Não respondeu	0	0%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

Como complemento ao questionamento anterior, foi perguntado se a cidade abrigasse mais parques a qualidade de vida aumentaria. 28 das 30 pessoas entrevistadas responderam positivamente, e com bastante entusiasmo, mais uma vez demonstrando a magnitude do valor desses espaços verdes para o bem estar social e melhoria da qualidade de vida das pessoas. A ênfase se dá em uma das duas respostas negativas, na qual o usuário afirma que a qualidade de vida da cidade não aumentaria apenas pela adição de mais parques, já que segundo ele, é preciso que as pessoas entendam sua real importância como local de encontro e mais, que pensar a criação de um parque requer

uma análise completa da estrutura e funcionamento da cidade. Uma reflexão importante, visto que uma cidade que possui precariedade na educação e mobilidade urbana, por exemplo, não suportaria a construção de mais parques.

ETAPA 1 – Questões de 1 a 12 – averiguação da qualidade ambiental do parque a partir da percepção dos usuários:

É bom lembrar que a partir dessa etapa poderiam ser assinaladas 1 ou mais alternativas em algumas questões de múltipla escolha.

Tabela 09 – Questão 1

<b>Qual o significado do parque para você?</b>		
Opções	Número de vezes assinalada	Percentual
Convívio social	8	26,6%
Lazer	14	46,6%
Atividades físicas	6	20%
Busca de silêncio	1	3,3%
Outros	21	70%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

A grande maioria das pessoas que responderam o questionário considera que o parque atua, em primeira instância, como um espaço de lazer, e posteriormente como um lugar de promoção do convívio social de prática de atividades físicas. A grande maioria elencou outros adjetivos para caracterizar o parque, que em essência estavam relacionados ao seu bem-estar. O Parque Municipal foi indicado como um espaço de relaxamento (mencionado 2 vezes), descanso (mencionado 4 vezes) e de contato com a natureza (mencionado 3 vezes). Termos relacionados aos benefícios ambientais proporcionados pelo parque como o ‘ar puro’ também foram citados. Portanto cabe aqui mostrar de que forma os serviços ambientais, sejam eles culturais ou de regulação, como a ‘purificação do ar’ são significativos para seus usuários.

Tabela 10 – Questão 2

<b>O que você sente quando está no parque?</b>		
Opções	Número de vezes assinalada	Percentual
Conforto	4	13,3%
Tranquilidade	12	40%
Satisfação	1	3,3%
Segurança	0	0%
Outros	17	56,6%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor



Com o propósito de estabelecer um contraste relacionado aos sentimentos e valores atrelados ao parque e posteriormente ao Centro de Belo Horizonte, criou-se um esquema ilustrativo das palavras mencionadas pelos frequentadores do lugar a respeito desses dois ambientes urbanos. As palavras mais assinaladas pelos usuários possuem tamanho maior e por consequência as palavras de tamanho menor foram as menos apontadas.

O que se observa a partir dessas respostas é que o parque traz uma série de sentimentos positivos relacionados à natureza e ao verde além de valores relativos ao bem estar pessoal, como um ‘‘espaço de paz’’, ‘‘sossego’’, ‘‘alegria’’, ‘‘tranquilidade’’, ‘‘lazer’’ e ‘‘diversão’’. Além de ser um lugar de ‘‘lembranças’’.

Já o centro atua como um espaço oposto ao parque, os usuários não mediram palavras em considerar esse espaço da forma mais pejorativa possível, pois foi considerado como um ambiente de intenso ‘‘barulho’’, ‘‘poluição’’, ‘‘correria’’, ‘‘sujeira’’, ‘‘insegurança’’ e ‘‘desconfiança’’. Visualizar a cidade como fundamentalmente um espaço do caos, dos problemas ambientais e sociais, é uma questão social e cultural bem interessante e que abre espaço a discussão, pois nos dá uma noção da imagem gerada da cidade a partir dos cidadãos que a compõem.

É importante, portanto, entender essa dicotomia e os motivos que levam a tal insatisfação relacionada ao centro da capital (com exceção do parque), e em contrapartida a esta área verde, que por sua vez, traz sentimentos positivos. Podemos elencar algumas hipóteses que nos ajudam a entender essas razões, tais quais a ineficiência de políticas públicas e de gestão, nos mais variados âmbitos, como o educacional, de saúde, segurança e mobilidade urbana por exemplo.

Vale a pena lembrar que a realização deste estudo de percepção, por ser realizado dentro do parque, um ambiente mais tranquilo, incita e tende a exaltar de maneira mais intensa sentimentos opostos em relação ao centro e ao mesmo que valoriza este espaço verde, portanto é preciso cautela em relação ao julgamento desses resultados.

Questões de 5 a 7 – valores atribuídos ao parque e seus ambientes mais valorizados:

5 - O que você gosta no parque?

Dos mais variados sentimentos e aspectos do parque descritos nesta questão vale destacar os elementos naturais como os mais mencionados pelos usuários. A ‘‘serenidade da natureza’’ descrita pelos frequentadores do parque, a sombra

proporcionada pelas árvores, o ar fresco e a possibilidade de fuga do centro atuam aspectos que reforçam essa afirmação. A indicação de lugares dentro do parque como a beleza dos lagos, por exemplo, se fez presente nas respostas. As diferentes formas de apropriação do espaço, bem como a sua diversidade, também foram presenciadas no ponto de vista dos usuários.

#### 6 - O que você não gosta no parque?

Mais de 30% dos usuários entrevistados mencionaram a sujeira como o aspecto que mais desagrada no parque, a questão é saber se é um problema de uma manutenção insuficiente do espaço por parte da gestão ou vai da falta da conscientização dos usuário em relação a destinação correta do lixo gerado no parque, ou as duas coisas. Também sobre a manutenção, dois usuários citaram a questão do estado dos banheiros como pontos negativos no parque. A questão dos moradores de rua também incomodou bastante os usuários, dos quais alguns ficaram insatisfeitos apenas por sua presença e outros analisaram a realidade como uma questão social, no sentido de se preocupar com políticas públicas que possam contemplar e ajudar essas pessoas. A falta de segurança do parque também foi um assunto abordado por seus frequentadores. O barulho e o preço dos brinquedos também incomodaram alguns dos entrevistados. 20% dos frequentadores do parque afirmaram que não veem algo que não gostem no Parque Municipal, o que mostra que o parque oferece satisfação completa a certa parcela dos que o utilizam.

Como ponto final de análise dessa questão cabe ressaltar o preconceito sofrido por certos públicos no parque, que foi percebido durante a aplicação dos questionários, principalmente em relação aos mendigos e homossexuais. Um homossexual entrevistado inclusive afirmou que sofre discriminação por parte dos demais visitantes e que prefere locais mais isolados do parque para ficar.

#### 7 – Qual é/são os seus lugares preferidos no parque?

Para esta etapa do estudo foram utilizados dois mapas coloridos e impressos em folha A4, que foram entregues aos usuários no momento da realização desta pergunta. Um dos mapas consistia na imagem de satélite do Parque Municipal retirada do site *Google Maps*, e a outro é um desenho esquemático do parque, que indicava exatamente a localização e os nomes de cada local ou atração do parque. Portanto o segundo mapa

permitiu uma melhor visualização e composição das áreas preferenciais dos usuários entrevistados. O resultado dessas respostas se traduz na imagem a seguir:

### Parque Municipal Américo Renné Giannetti - Belo Horizonte - MG



**Figura 21:** Desenho do mapa do Parque Municipal e os locais de preferência dos usuários.  
Fonte: [www.ourtreasuremap.com/blog/dica-em-bh-conheca-o-parque-municipal-americo-renne-giannetti](http://www.ourtreasuremap.com/blog/dica-em-bh-conheca-o-parque-municipal-americo-renne-giannetti). Elaborado pelo autor.

Analisando os locais de preferência de forma breve, percebemos que os lagos são os locais mais interessantes para os usuários entrevistados, pela beleza cênica, animais, e sensações de paz e tranquilidade que trazem. Manifestações culturais como as peças teatrais realizadas no Teatro Francisco Nunes também despertam grande interesse dos visitantes. A quadra poliesportiva e os brinquedos despertam um interesse mediano para os frequentadores. Muito dos locais mais afastados, situados próximos aos limites do parque foram os menos mencionados.

Portanto é interessante que haja políticas de gestão e planejamento do espaço que levem em conta esses locais de interesse para uma melhor manutenção e estabelecimento de práticas socioeducativas, inclusive de educação ambiental, já que, por se tratarem de locais que trazem maior afeição que os demais, a partir da ótica do entrevistado, irão abarcar um maior público e por consequência, poderão ter mais eficiência na realização de seus objetivos.

Questão 8 – elementos valorizados e desvalorizados do Parque Municipal:

8 – O que você acrescentaria, tiraria ou removeria no parque?

Cerca de 30% dos frequentadores entrevistados se disseram satisfeitos com o parque da forma em que se apresenta. Uma parte dos usuários (20%) acrescentaria mais lixeiras e funcionários de limpeza ao parque, o que mais uma vez demonstra a insatisfação dos visitantes em relação aos rejeitos do lugar. Questões como o aumento da segurança, de portarias e da iluminação do ambiente também foram mencionados. Um dos usuários disse que “se pudesse removeria as pessoas preconceituosas” do parque. Um ponto interessante é que três entrevistados questionaram a presença das grades no parque, que é público.

Questões de 9 a 12 – elementos que buscaram constatar o conforto ambiental do parque:

Tabela 11 – Questão 9

<b>Como é o sombreamento do parque?</b>		
Opções	Número de Entrevistados	Percentual
Ótimo	22	73,3%
Bom	6	20%
Regular	2	6,6%
Ruim	0	0%
Péssimo	0	0%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

Grande parte das pessoas (93,3%) considerou o sombreamento do Parque Municipal como bom ou ótimo, o que evidencia esse fator e serviço ecossistêmico como de grande importância para a qualidade ambiental de um parque e que no caso é amplamente contemplado no lugar.

Tabela 12 – Questão 10

<b>Como é a ventilação do parque?</b>		
Opções	Número de Entrevistados	Percentual
Ótima	17	56,6%
Boa	11	36,6%
Regular	2	6,6%
Ruim	0	0%
Péssima	0	0%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

93,6% dos usuários entrevistados considerou o ambiente do parque bem ventilado. Foi observada a existência, na hora de responder essas questões, de uma comparação direta com a qualidade dos demais ambientes da região do centro de Belo Horizonte.

Tabela 13 – Questão 11

<b>Como é a qualidade acústica do parque?</b> (se ouve muitos ruídos internos e/ou externos quando está no parque)		
Opções	Número de Entrevistados	Percentual
Ótima	2	6,6%
Boa	19	63,3%
Regular	8	26,6%
Ruim	0	0%
Péssima	1	3,3%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

Dos fatores escolhidos e diretamente relacionados à qualidade ambiental do Parque Municipal, a qualidade acústica foi o que menos teve peso ou influenciou a percepção dos frequentadores, que alegaram que apesar de perceberem uma ligeira melhoria relacionada aos sons externos ao parque, os barulhos vindos de dentro incomodavam, como o som dos brinquedos e o grito das crianças.

Tabela 14 – Questão 12

<b>Como você avalia segurança do parque?</b>		
Opções	Número de Entrevistados	Percentual
Ótima	2	6,6%
Boa	12	40%
Regular	12	40%
Ruim	3	10%
Péssima	1	3,3%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

Apenas 6,6% dos usuários consideraram a segurança do parque ótima. O que se percebeu durante as conversas é que os usuários prezam bastante pela questão da segurança nesse tipo de ambiente, apesar de raramente presenciarem situações que necessitassem de intervenção ou proteção deles mesmos. Foi recorrentemente relatado que quase não se vê guardas em ronda pelo parque e que só há uma guarita no local.

ETAPA 2 – Questões de 13 a 15: buscaram investigar a contribuição do Parque Municipal à melhoria da qualidade de vida dos usuários e o seu papel para a cidade além da frequência com que é visitado:

Tabela 15 – Questão 13

<b>Com que frequência você vem ao parque?</b>		
Opções	Número de Entrevistados	Percentual
Diariamente	4	13,3%
Finais de semana	4	13,3%
Dias de semana	2	6,6%
Às vezes	20	66,6%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

Antes da descrição deste elemento da vale uma autocrítica e sugestão aos trabalhos de percepção futuros em relação às variáveis usadas para representar a frequência de visitas dos usuários ao parque. Acredito que para uma maior compreensão dos resultados as variáveis deveriam estar divididas em “diariamente”, “semanalmente”, “mensalmente” além da opção “outros”. De qualquer forma percebe-se que mais da metade dos usuários só frequenta o parque municipal às vezes. O que sugere que os visitantes, por motivos desconhecidos, não costumam visitar o parque com frequência. Alguns alegaram visitar o parque poucas vezes ao ano, outros disseram que vão cerca de duas vezes por mês, os resultados dessa opção variaram muito. Os entrevistados que afirmaram ir diariamente ao parque são funcionários de empresas situadas em locais próximos a área verde.

Questões 14 e 15: sobre o papel do parque num contexto de cidade e a diversidade de públicos que o frequenta:

Tabela 16 – Questão 14

<b>O parque contribui para a vida da cidade em quais questões? Por quê?</b>		
Opções	Número de vezes assinalada	Percentual
Ambiental	19	63,3%
Social	18	60%
Lazer	20	66,6%
Cultural	13	43,3%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

Uma das questões mais interessantes da aplicação dos questionários foi saber em quais parâmetros, a partir da percepção ambiental dos usuários, o parque em questão contribui para a cidade de Belo Horizonte e partir daí também buscando estender esta análise para toda a região metropolitana, dada a influência dessa grande área verde. Vemos, portanto, um equilíbrio de importâncias em relação a contribuição do parque

nos 4 aspectos citados, dos quais o lazer (66,6%) e as questões ambientais (63,3%) foram assinalados ligeiramente mais vezes.

Sendo assim podemos ter uma mínima noção da amplitude do valor atribuído ao parque, bem como seu aporte à cidade em si, por ajudar na melhoria da qualidade ambiental urbana, através dos serviços ambientais prestados, no bem estar social, por ser um lugar de encontros de pessoas, no âmbito cultural, pelas inúmeras manifestações artístico-simbólicas sediadas e por oferecer relaxamento, tranquilidade e paz a quem o frequenta.

Tabela 17 – Questão 15

<b>Você acha que o Parque Municipal agrega todas as classes sociais? Por quê?</b>		
Opções	Número de Entrevistados	Percentual
Sim	24	80%
Não	6	20%
Não respondeu	0	0%

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pelo autor

Como última, mas importante questão do questionário buscou-se compreender se o parque é democrático, no sentido de abarcar todas as classes sociais. Foi percebido que 80% dos frequentadores do parque que reponderam o questionário acreditam que o parque agrega todos os tipos de pessoas e classes sociais. Em um primeiro momento talvez essa seja a impressão mais óbvia quando observarmos o público que frequenta o parque. Dos 6 usuários que responderam “não” quando questionados sobre o assunto, todos foram categóricos em dizer que a classe A, ou seja a que compõe os cidadão mais ricos, não frequentam o Parque Municipal. Uma das entrevistadas afirmou que o parque, de maneira alguma é excludente, mas as pessoas com um nível de renda elevado não costumam visitá-lo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pelo entendimento das várias funções e significados atribuídos ao parque, principalmente a partir da ótica de quem o frequenta se tornou um exercício gratificante. No contexto e ambiente em que insere, e como referência que é, o Parque Municipal assume um caráter significativo muito grande, já que abarca dos mais diversos tipos de público, das mais diversificadas idades e classes sociais, vindos das mais variadas áreas da região metropolitana de Belo Horizonte. Possui uma enorme função ambiental, cultural e social para a cidade, de forma a garantir um grande bem estar à população. Além disso, o estudo serviu para mostrar os contrastes e dicotomias quando comparamos essa área verde com o centro, o que pode nos ajudar a formulação de hipóteses relacionadas à qualidade da gestão urbana da capital por exemplo.

Das inúmeras indagações, entendimentos e questões acerca do Parque Municipal de Belo Horizonte, bem como as demais áreas verdes da cidade discutidas aqui, uma assertiva é óbvia e clara, esses lugares possuem um papel extremamente fundamental e sem precedentes para a qualidade de vida urbana. A aplicação dos questionários e a ida ao lugar, só vieram a reforçar os sentimentos, valores e importância desses espaços para a promoção da qualidade ambiental e de vida da cidade. Basta fazermos um exercício mental de retirada da arborização, dos parques, praças e jardins do ambiente urbano em que vivemos para termos uma noção da falta que trazem.

Além disso, o parque abriga enorme diversidade, de impressões, de público, de grupos, atua como palco de manifestações socioculturais, políticas e ideológicas, sem contar o bem estar físico e mental que promove a maioria dos que o visitam. Esses ambientes proporcionam um contato maior do frequentador com os elementos naturais de maneira a sensibilizá-lo às questões ambientais e, portanto abrir a possibilidade e potencialidade para a realização de práticas de cunho socioambiental, a fim de gerar a conscientização sobre o ambiente, tanto para as questões ligadas aos espaços verdes quanto para os demais aspectos e áreas da cidade, que como unidade, não deve ser entendida separadamente ou dissociada das questões ambientais. Deste modo a educação e percepção ambiental atuam como ferramentas à promoção dessas práticas dentro dos espaços verdes, bem como auxiliam ações de manutenção e planejamento dessas áreas, a fim de proporcionar um maior bem estar a quem os visita.

O desafio, portanto, é criar um elo, através dos estudos de percepção, entre a população interessada, ou seja, aquela que utiliza e se apropria do parque, e gestores e planejadores, bem como profissionais que possam contribuir com a análise das impressões acerca do lugar, promovendo assim ações positivas para o parque em si e para os frequentadores.

O estudo de caso no Parque Municipal de Belo Horizonte foi apenas um exemplo da importância desses ambientes, espera-se que com este estudo, surjam mais pesquisas perceptivas que busquem entender o valor dos espaços verdes urbanos, sejam quais forem suas escalas e abrangência, de nível local a nacional, bem como o olhar de quem os frequenta, e assim estimular a tomada de consciência do cidadão para as questões ambientais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Suely. **História da escrita: Surgimento e importância dessa linguagem.** Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/historia-da-escrita-surgimento-e-importancia-dessa-linguagem.htm>>. Acesso em: 30 janeiro. 2017.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **Os estudos da percepção como última fronteira da gestão ambiental,** In: Simpósio ambiental e qualidade de vida na região metropolitana de Belo Horizonte e Minas Gerais, 1992.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais.** In: DEL RIO, Vicente & OLIVEIRA, Livia de (org.): Percepção Ambiental – A Experiência Brasileira. São Paulo & São Carlos, Studio Nobel & Editora da UFSCar, 1996.

ÁREAS VERDES DA CIDADE. **Parque Municipal Américo Renné Giannetti em Belo Horizonte.** Disponível em:<<http://www.areasverdesdascidades.com.br/2015/11/parque-municipal-americo-renne.html>>. Acesso em: 20 de jan. 2017.

BELO HORIZONTE. **Parque Municipal Américo Renné Giannetti.** Disponível em:<<http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/servico-turistico/espaco-para-evento/aberto/parque-municipal-americo-renne-giannetti>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

CAVALCANTE, Eider. **Sociedade e a Construção Do Pensamento Geográfico.** Ensaios Analíticos e Propositivos. Programa de Pós-Graduação em Geografia Instituto de Geociências Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. 2009.

CAMBAÚVA, LENIR. **Fundamentos da psicologia: reflexões.** Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. 2000.

CANDIDO, Daniel. **Mitologia e Climatologia: Um estudo das divindades relacionadas à ocorrência de tempo severo.** Revista Brasileira de Climatologia. CEMADEM E IG/UNICAMP – Universidade de Campinas. 2012.

CLAVAL, P. **O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana.** In: Matrizes da Geografia Cultural. Rozendahl, Z & Corrêa, L. org. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

COELHO, Rafael. **Geografia e Geógrafos.** Mundo Vestibular. Disponível em: <<http://www.mundovestibular.com.br/articles/4796/1/Geografia-e-Geografos/Paacutegina1.html>>. Acesso em 2 de fevereiro de 2017.

COSTA, Renata; COLESANTI, Marlene. **A contribuição da percepção ambiental no estudo de áreas verdes.** Departamento de Geografia – UFPR. Curitiba, 2011.

FAGIONATTO, S. **Percepção Ambiental.** São Paulo, Mar. 2007. Disponível em: [http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m\\_a\\_txt4.html#percepcao](http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html#percepcao). Acesso em: 15 de dez. 2016.

FERNANDES, R. S. et al. **O uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental.** In: ENCONTRO DA ANPPAS, 2., 2004, Indaiatuba. *Anais...* Belém: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 2004.

HENRIQUE, Wendel. **O direito à natureza na cidade.** Salvador: EDUFBA, 2009.

LUIZA, Ana; JUNIOR, Flávio; DA SILVA, Glauco & FREIRE, Patrícia. **Percepção Ambiental dos moradores da Avenida Beira Rio – Orla fluvial de Porto Nacional – TO.**

MARTINS, Rosa Elisabete Miltz Wypczynski. **O ensino da Geografia em questão: um olhar sobre o ensino médio.** Dissertação (Mestrado). Passo Fundo: UPF, 2004.

MEDINA, N. M. **Formação e multiplicadores para Educação Ambiental.** PEDRINI, A.G (Org.). O Contrato Social da Ciência, unindo saberes na Educação Ambiental. Petrópolis: Vozes, 2002.

MELAZO, Guilherme. **Percepção Ambiental e Educação Ambiental: Uma reflexão sobre as relações interpessoais e Ambientais no espaço urbano.** Universidade Federal de Urberlândia, 2005.

MENDES, Renato Porto Ribeiro. **Percepção sobre meio ambiente e educação ambiental: O olhar dos graduandos de Ciências Biológicas da PUC-Betim.** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2005.

MELO, Aline de Souza. **A entrada da Geografia Humanista na ciência Geográfica.** Universidade de São Paulo. 2009.

MILTON, Kay. **Ecologias: antropologia, cultura e meio ambiente.** In. International Social Science Journal, vol. 154, n. 4, Blackwell Publishers/UNESCO: Oxford, 1997.

MORMUL, Najla, ROCHA, Márcio. **Breves considerações acerca do pensamento geográfico: elementos para análise.** Universidade Federal de Santa Maria. 2014.

OLIVEIRA, Cleber & CORONA, Hieda. **A percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais.** Revista Científica ANAP Brasil, 2008

PALMA, I. R. **Análise da percepção ambiental como instrumento ao planejamento da educação ambiental.** Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **A história do Parque Municipal.** Disponível em:<  
[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaoparque&tax=15400&lang=pt\\_BR&pg=5521&taxp=0](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaoparque&tax=15400&lang=pt_BR&pg=5521&taxp=0)>. Acesso em: 20 de jan. 2017.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social.** São Paulo: Cortez, 1995.

SOUZA, Adslane. **Análise da qualidade ambiental urbana em praças públicas através da percepção dos seus usuários: O caso da Praça Dois de Julho – Campo Grande Salvador – Bahia.** Universidade Federal da Bahia, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a Cidade:** Uma introdução ao planejamento e gestão urbanos. Editora Bertrand. 2001.

SUESS, Rodrigo; BEZERRA, Rafael & SOBRINHO, Hugo. **Percepção ambiental de diferentes atores sociais sobre o Lago do Abreu em Formosa – GO.** HOLOS, Universidade Federal de Goiás – Unidade Universitária de Formosa, v. 6, p. 241–258, janeiro/dezembro 2013.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural:** mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. Tradução João Roberto Martins Filho, São Paulo: Companhia das Letras, 1996

TUAN, Yi-fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.  
<https://enhpgee.files.wordpress.com/2009/10/aline-de-souza-melo.pdf>

## ANEXOS

### ENTREVISTA PERCEPÇÃO AMBIENTAL – PARQUE MUNICIPAL

Data:

#### PARTE 1 – PERFIL DO USUÁRIO

Sexo: M ( ) F ( )

Nome:

Bairro onde mora:

Idade:

Atividade profissional:

Escolaridade:

#### PARTE 2 – ENTREVISTA

**ETAPA PRELIMINAR** - o objetivo é tentar analisar o nível de conscientização/preocupação do entrevistado com assuntos relacionados ao meio ambiente, bem como alguns aspectos da qualidade de vida da cidade.

1- Você se interessa por assuntos relacionados ao meio ambiente?

sim ( ); não ( ); não respondeu ( )

2- Você se sente incomodado com algum aspecto da cidade relacionado ao meio ambiente (poluição, desmatamento, ruído, sujeira, etc.)

sim ( ); não ( ); não respondeu ( )

2.1 - Em relação a tal incômodo, você já fez algo para mudar a situação?

sim ( ); não ( ); não respondeu ( )

3- Como você considera a qualidade de vida em Belo Horizonte?

ótima ( ); boa ( ); regular ( ); ruim ( ); péssima ( ); não respondeu ( )

3.1- E se a cidade tivesse mais parques, a qualidade de vida melhoraria?

sim ( ); não ( ); não respondeu ( )

**ETAPA 1** - questões de 1 a 12 : busca averiguar a qualidade ambiental do parque na percepção dos usuários (**objetivo geral**).

1- Qual o significado/função do parque para você?

convívio social ( ); lazer ( ); atividades físicas( ); busca de silencio( ); outros \_\_\_\_\_

2- O que você sente quando está no parque?

conforto ( ); tranquilidade ( ); satisfação ( ); segurança( ); outros \_\_\_\_\_

3- Feche os olhos e diga 3 palavras que lhe vem à cabeça quando você pensa no Parque Municipal:

4- Feche os olhos e diga 3 palavras que lhe vem à cabeça quando você pensa no Centro de Belo Horizonte:

**\*destacar nos resultados obtidos as palavras que mais apareceram/se repetiram durante as entrevistas**

Questões de 5 A 7- valores atribuídos ao parque e seus ambientes mais valorizados:

5- O que você gosta no parque? Por quê?

6- O que você não gosta no parque? Por quê?

7- Qual é/são seus lugares preferidos no parque? **(utilizar o mapa impresso do parque municipal juntamente com a pergunta)**

Questão 8 – elementos valorizados e desvalorizados do parque municipal:

8- O que você acrescentaria, mudaria ou removeria no parque?

Questões 9 A 12-elementos que buscam compreender o conforto ambiental do parque:

9- Como é o sombreamento do parque?  
ótimo ( ); bom ( ); regular ( ); ruim( ); péssimo( ).

10- Como é a ventilação do parque?  
ótima ( ); boa ( ); regular ( ); ruim( ); péssima( ).

11-Qual a qualidade acústica do parque? **(você ouve barulho quando está no parque?)**  
ótima ( ); boa ( ); regular ( ); ruim( ); péssima( ).

12- Como você avalia a segurança do parque?  
ótima ( ); boa ( ); regular ( ); ruim( ); péssima ( ).

**ETAPA 2-** Questões 13 A 15: busca averiguar a contribuição do Parque Municipal a melhoria da qualidade de vida dos usuários e a frequência com que é visitado:

13 -Com que frequência você vem ao parque?  
diariamente ( ); finais de semana ( ); dias de semana ( ); às vezes ( ); outros( ).

14- O parque contribui para a vida da cidade em quais questões?  
ambiental ( ); social ( ); lazer ( ); cultural ( ) outros ( ). Por quê?

15- Você acha que o Parque Municipal agrega todas as classes sociais?  
sim ( ); não ( ).